

A DIVERSIDADE CULTURAL: Um desafio na educação infantil

Natália Moreira Altoé¹

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo compreender a diversidade cultural e seus impactos para a educação infantil. Busca mostrar como o trato desigual das diferenças, leva a práticas intolerantes, arrogantes e autoritárias. Portanto, este artigo trará como relevante o fato da escola ser uma instituição social com a presença de diferenças, por isso, a importância de sua compreensão e análise dentro de um processo histórico e social, já que a luta pelo direito as diferenças sempre esteve presente na história, sendo elas construídas culturalmente, ao longo do processo histórico, nas relações sociais e de poder.

Descritores: Diversidade. Cultura. Infância.

ABSTRACT

This work aims to understand the cultural diversity and its impact on early childhood education. Try to show how uneven tract of differences leads to intolerant, arrogant and authoritarian practices. Therefore, this article will bring relevant as the fact that the school is a social institution with the presence of differences, so the importance of understanding and analysis within a historical and social process, since the struggle for the right differences was always present in history, they are culturally constructed, along the historical process, social relations and power.

Keywords: Diversity. Culture. Childhood

INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense e Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense. altoe.natalia@gmail.com.

Em um primeiro momento, este trabalho contribui no sentido de permitir entender quais ideias estão entrelaçadas para que a discussão de respeito às diferenças seja desenvolvida. Tão logo, serão abordados questionamentos como qual o papel do professor enquanto indivíduo integrante da sociedade? E enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem?

Diversidade envolve e significa diferença, dessemelhança, estando relacionada com a forma de estabelecer uma conexão com o outro e que para compreendê-la, portanto, é necessário um diálogo com outros tempos e com os múltiplos espaços existentes na sociedade, visto que as diversidades e desigualdades são históricas.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E ESCOLA

É necessário um repensar do papel do professor, tendo-se a compreensão de cada aluno é diferente, com uma cultura diferente, cabendo a escola respeitar, reconhecer e aceitar as diferenças.

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vividos pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas.

Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras.

Requer também que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira; mito este que difunde a crença de que, se os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social

hierárquica cria com prejuízos para os negros.

Reconhecimento, portanto, requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino.

Sendo assim, o professor deve fazer com que o aluno não tenha respostas de senso comum em torno da reflexão da diversidade. Por isso, a escola precisa estimular as diferenças e dar significados para oportunizar e produzir saberes em diferentes níveis de aprendizagens, já que o caminho da diversidade é bem visto, pois pode impulsionar e contribuir para as adoções pedagógicas.

DIVERSIDADE CULTURAL E INFÂNCIA

Quando se fala em uma sociologia da infância, conforme nos colocam Abramowicz e Oliveira (2012), é preciso se levar em consideração fatores como gênero, sexualidade, classe social e aporte étnico-racial na hora de se pensar a criança para que não se realize uma análise rasa e universal, mas sim mais detalhada e completa.

Portanto, a questão da diversidade atravessa a criança, a infância, por isso, segundo as autoras, é importante estudá-las considerando-as enquanto grupo, é preciso, ao pensá-las, levar em conta categorias como raça, gênero, sexualidade e classe social. O espaço escolar, lugar onde a diversidade se faz presente, acaba por rejeitar educandos fora do perfil “normal” imposto, e os mesmos encontram dificuldades e problemas para se relacionarem com seus professores e colegas.

O trabalho diferenciado das professoras, que levam em conta a cor da pele, a situação econômica, dentre outros, acabam por fazer, juntamente com outros fatores, com que essas crianças absorvam o preconceito a elas voltado, onde o diferente é visto como um desvio e não como o fato de em nosso país existir uma diversidade de culturas que precisam ser respeitadas e esta noção deveria ser trabalhada ainda no período da infância.

Um problema atual a ser discutido é o conceito de “Excluídos do Interior” de Bourdieu (1990), onde ele coloca que a escola inclui, portanto os indivíduos estão dentro do ambiente escolar, ao mesmo tempo em que alguns são excluídos

socialmente. Desta forma, a escola inclui mas diferencia os que nela estão pelo fato da mesma, muitas vezes, transmitir uma cultura dominante, um “padrão” que se espera daquele educando.

Mesmo existindo fatores iguais em relação a um determinado grupo de crianças, como por exemplo, a faixa etária, são os fatores que as diferenciam que precisam ser considerados, como, por exemplo, raça, etnia, religião, a fim de que esses aspectos sejam respeitados e possam demonstrar o tamanho da diversidade cultural existente em nosso país.

DIVERSIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

Um desafio apresentado é em relação às Políticas Públicas, para assegurar que essas diferenças possam ser respeitadas, valorizando-se, assim a história de cada grupo social, visto que não se pode falar em democracia se ainda existem diversidades não respeitadas, que acabam por gerar processos de exclusão fazendo-se assim com que os direitos não sejam iguais para todos.

Reconhecer essa diversidade implica em romper com o preconceito, superando velhas opiniões formadas sem reflexão. Por isso, destaca-se a construção de políticas públicas que visam incluir esse segmento étnico/racial, o que leva a reflexão de que esse é um tema muito discutido na sociedade, onde muitos são contra e outros a favor. Os que são contra dizem que a cor não interfere na inteligência e que todos deveriam ter direitos iguais, já os a favor, falam sobre a história, o preconceito e a desigualdade que os negros enfrentaram desde a época da escravidão.

Portanto, é preciso pensar, discutir, criar políticas de ações afirmativas e uma pedagogia respeitosa de diversidade onde acolham essas pessoas para que o convívio seja mais democrático. O que está faltando para o Brasil é assumir a nossa diversidade cultural e construir uma sociedade democrática que realmente se espelhe no direito e na justiça social para todos através das ações afirmativas.

Já que não podemos mudar as desigualdades históricas, podemos apenas lutar para que não se intensifique, através das ações afirmativas, que lutam para uma adequação da educação do povo negro.

CONCLUSÃO

A diversidade e a luta de direitos não foram jogadas no Brasil hoje, mas sim são assuntos que estão atrelados à nossa história, tanto individual e familiar, quanto coletiva e nacional. Uma história que construiu definições novas para as diferenças, que mudou as nomenclaturas. O que antes era diversidade acaba se tornando (por meio da normatização e padronização) patologia, deficiência e até desvio. E isso precisa ser pensado, discutido e analisado não só por grandes intelectuais, mas por todos.

Este artigo buscou trazer elementos para pensarmos como está sendo feita a socialização das crianças, tendo como foco a Educação Infantil, como estão sendo trabalhadas as diferentes culturas existentes em nossa sociedade dentro do ambiente escolar e o que se pode fazer para que estas diferenças sejam tratadas não de forma racista mas sim como expressões da sociedade multicultural na qual estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: CEERT, p. 47-64, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Os excluídos do interior**. In: BOURDIEU, Pierre; NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). Escritos da educação. Petrópolis: Vozes, 1990.

GOMES, Nilma. **Educação e diversidade étnico-cultural**. In: Ramos, Marise Nogueira (Org.). Diversidade na educação: reflexões e experiências. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.